



# **A RESTINGA DO MASSIambu COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

**Ana Paula Nunes Chaves  
Ana Carolina Schuhli  
Isadora de Haro Thomé**

**CASA DE HIRAM**



C512r Chaves, Ana Paula Nunes  
A RESTINGA DO MASSIAMBU COMO ESPAÇO  
DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA/ Ana Paula Nunes  
Chaves, Ana Carolina Schuhli, Isadora de Haro Thomé -  
Blumenau, Editora Casa de Hiram, 1ª edição, 2023.

28f. ebook (pdf)

ISBN: 978-65-00-82368-4

1- Restinga. 2. Geografia. I. Schuhli, Ana Carolina. II.  
Tomé, Isadora de Haro. III. Título

# A RESTINGA DO MASSIambu COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Ana Paula Nunes Chaves

Ana Carolina Schuhli

Isadora de Haro Thomé

## *Tutora do Programa de Educação Tutorial em Geografia*

Ana Paula Nunes Chaves

## **Equipe de Pesquisa**

Ana Carolina Schuhli

Isadora de Haro Thomé

Juliana Roemers

Mariama Bacci

## **Projeto Gráfico e Editoração**

Ana Carolina Schuhli

Isadora de Haro Thomé

## **Apoio**

Programa de Educação Tutorial em Geografia da UDESC





# Sumário

Trapoeiraba da restinga do Massiambu  
Foto: Mônica Araújo (2022)

Apresentação	4
O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro	7
A Restinga	9
Espécies de uso popular	11
Aroeira-vermelha ( <i>Schinus terebinthifolius</i> )	12
Araçá amarelo ( <i>Psidium cattleianum</i> )	13
Caúna ( <i>Ilex theezans</i> )	14
Carqueja ( <i>Baccharis aff. trimera</i> )	15
Camarinha ( <i>Gaylussacia brasiliensis</i> )	16
Erva Baleeira ( <i>Varronia curassavica</i> )	17
Jerivá ( <i>Syagrus romanzoffiana</i> )	18
Imbé ( <i>Philodendron bipinnatifidum</i> )	19
Macela ( <i>Achyrocline satureioides</i> )	20
Pitangueira ( <i>Eugenia uniflora</i> )	21
Trapoeiraba ( <i>Commelina sp</i> )	22
Referências consultadas	23

# Apresentação

---

A restinga do Massiambu, no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), representa um rico espaço ao ar livre para se aprender e ensinar geografia.

Consideramos a restinga como uma região fitogeográfica povoada de saberes, onde os conhecimentos populares e culturais se fazem presentes em suas espécies vegetais.

Assim, este material educativo apresenta uma seleção de 11 espécies vegetais de uso popular na restinga do Massiambu, com informações básicas sobre as espécies vegetais localizadas nas proximidades do centro de visitantes do Parque.

As descrições das espécies são acompanhadas de fotografias ilustrativas que auxiliam no seu reconhecimento durante o percurso do visitante pelas trilhas, com o intuito de incentivar os visitantes a realizarem uma observação mais educativa pelos espaços que transitam.





---

Todas as espécies deste guia educativo estão identificadas com o seu nome científico e popular. As informações das espécies contidas no material fazem referência às formas de consumo, aos usos culturais e tradicionais, assim como suas formas fitoterápicas para a medicina popular.

Restinga próxima ao centro de visitantes PAEST



Fonte: Acervo centro de visitantes PAEST (2022)

Ticum da restinga do Massiambu



Fonte: Acervo centro de visitantes PAEST (2022)

---

Esperamos que esse livro possa tornar o conhecimento mais acessível para o diverso público que frequenta o Parque, para que professores e estudantes da educação básica, possam explorar ainda mais os saberes fito e biogeográficos do local.

Só se preserva aquilo que se conhece!



---

Procuramos, também, sensibilizar e conscientizar sobre a relevância e importância desse ambiente, pois uma restinga preservada contribui para amenizar os impactos causados pela erosão costeira.

Assim, é fundamental compreendermos sua importância e reconhecermos o seu valor para ocuparmos conscientemente esses espaços. A restinga é um patrimônio natural, mas trata-se também de um patrimônio cultural repleto de histórias de nossos antepassados. A restinga, aqui, pode e deve ser vista como espaço educativo e um ponto de encontro de diversos saberes socioambientais e culturais.

#### Trilha da Restinga próxima ao centro de visitantes PAEST



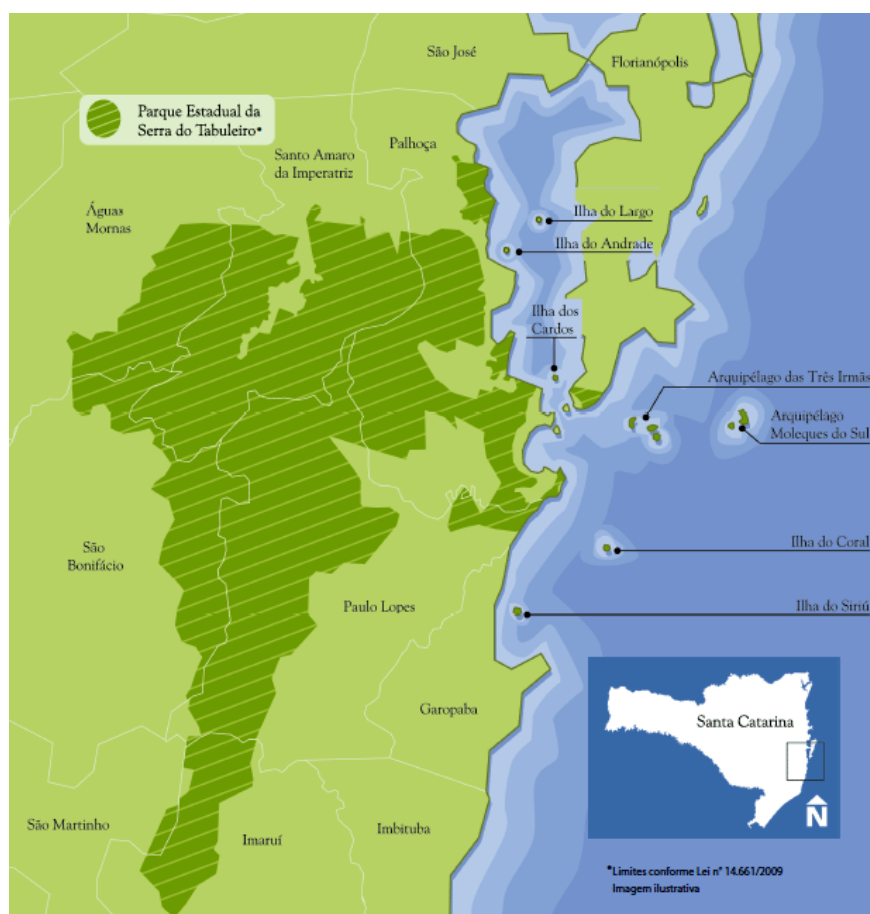
Fonte: Acervo centro de visitantes PAEST (2022)

# O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro é uma unidade de conservação de proteção integral, criada no ano de 1975 pelo decreto Nº 1.260. A criação do Parque levou em consideração os estudos dos botânicos Raulino Reitz e Roberto Klein, e teve por objetivo proteger a biodiversidade da região e os mananciais hídricos que abastecem as cidades da Grande Florianópolis e do sul do estado de Santa Catarina.

Atualmente, o Parque abrange nove municípios, representados por Florianópolis, Palhoça, Santa Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí, Paulo Lopes e Garopaba, além das ilhas Siriú, dos Cardos, do Largo, do Andrade e do Coral, e os arquipélagos das Três Irmãs e Moleques do Sul.

Mapa de localização do PAEST



Fonte: IMA (2017)

# O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

---

Cume da Serra do Tabuleiro



Foto: Acervo centro de visitantes PAEST (2022)

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro ocupa cerca de 1% do território catarinense, com 84.130 hectares de extensão, com áreas no litoral até mais interioranas, totalmente inserido no bioma Mata Atlântica. O bioma da região, em suas formações vegetais, é representado por formações pioneiras de restinga e manguezal, floresta ombrófila densa, campos de altitude e floresta ombrófila mista.

Além de congregar atividades de pesquisa e extensão, o Parque está aberto para receber visitas de grupos organizados de escolas e universidades no centro de visitantes. Para tanto, é necessário o preenchimento de um formulário de agendamento disponível no site do PAEST. Famílias e pequenos grupos não precisam de agendamento para realizar visitas.

O centro de visitantes está localizado na rodovia BR-101, Km 240, Baixada do Massiambu, e funciona de quarta a domingo, das 09h às 16h.



# A Restinga

---

A restinga é um ecossistema associado ao bioma da Mata Atlântica, sendo uma cobertura vegetal que acompanha boa parte do litoral brasileiro. Em Santa Catarina, pode ser observada nas praias, dunas e cordões arenosos, como ocorre nos cordões da Baixada do Massiambu, nos limites do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST).

É uma vegetação que ocorre em terras baixas, nas áreas de planícies do litoral e apresenta diferentes tipos de vegetação (herbácea, subarborescente, arbustiva e arbórea), em diferentes estágios de sucessão ecológica.



Foto: Mariama Bacci (2022)

A restinga se destaca como um ambiente de solo arenoso, com pouca água e resistente ao sol, sua vegetação desenvolve adaptações que a permite sobreviver em ambiente hostil. Apesar dessas características, apresenta uma grande riqueza de biodiversidade, com espécies vegetais frutíferas, ornamentais e fitoterápicas.

A riqueza da biodiversidade da restinga contribui para interações ecológicas com o fornecimento de alimentos e refúgio para a vida silvestre. Alguns exemplos são as aves marinhas, siris e tartarugas que utilizam das áreas de restinga para criarem seus ninhos e depositarem os seus ovos.



Foto: Mariama Bacci (2022)

---

Além disso, as espécies vegetais que vivem na restinga são de grande importância socioambiental para as comunidades locais. A restinga é um ambiente que guarda muito saber. As espécies da restinga são utilizadas como verdadeiros remédios e podem ser consumidas por meio de chás, temperos ou fitoterápicos.

Destaca-se, ainda, a contribuição da restinga na proteção das linhas de costa e da vida humana. Uma restinga preservada representa uma diminuição nos impactos causados pelas ressacas, reduzindo, dessa forma, a erosão costeira.

Dada a importância da restinga, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) considera essas áreas como Áreas de Preservação Permanente (APP), entendidas como espaços territoriais instituídos pelo poder público com a finalidade de proteger e preservar os recursos naturais de uma determinada paisagem, além de assegurar a qualidade de vida para as presentes e futuras gerações.

Além das restingas, estão inclusas nas APP's áreas como mangues, dunas, nascentes de rios, morros e montanhas, incluindo o relevo tabular, que dá nome ao Parque, a Serra do Tabuleiro.

Trilha da restinga no PAEST

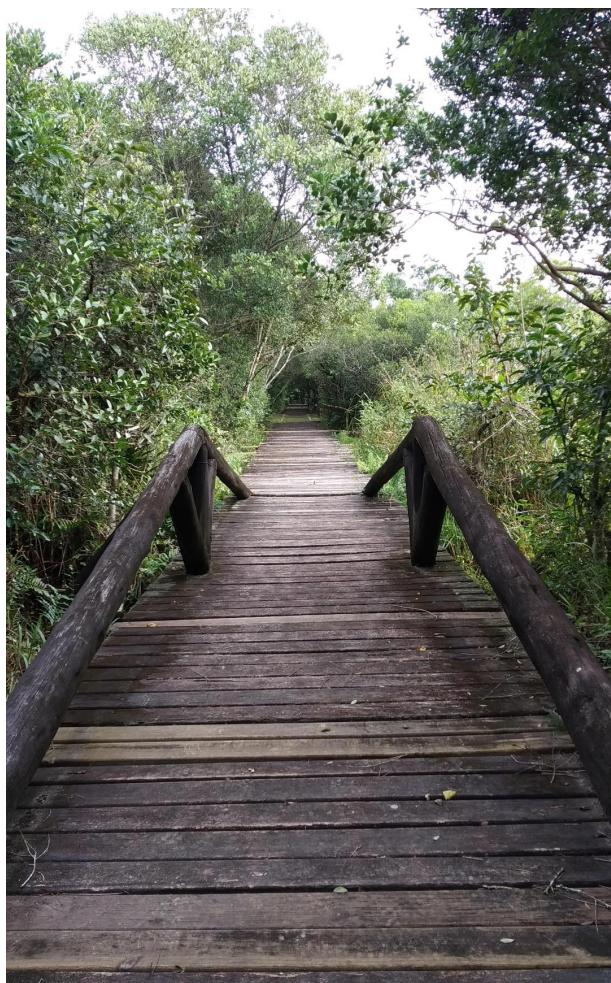


Foto: Isadora de Haro (2022)





Espécies de uso popular





# Aroeira-vermelha

---



Foto: Ana Schuhli (2022)

Nome científico: *Schinus terebinthifolius*.  
Nomes populares: pimenta-rosa, aroeira-pimenteira, aroeira-mansa, aroeira-vermelha.

Família botânica: Anacardiaceae.

Nome Guarani: camari-nhêmba.

Parte utilizada: folhas, frutos e casca.

A aroeira-vermelha é uma espécie arbórea nativa da Mata Atlântica. É encontrada desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, em diferentes ambientes, na restinga e na floresta.

**Formas de uso:** os frutos secos da aroeira podem ser utilizados como tempero em ensopados para carnes e peixes. Além disso, podem ser usados em doces como caldas, geleias e bombons, ou mesmo em drinks, conferindo sabor e uma harmonização visual mais atraente. Como condimento, devem ser utilizados com cautela.



Foto: Ana Schuhli (2022)

**Uso popular:** o cozimento da casca pode ser utilizado por mulheres em banho de assento após o parto, devido às suas ações anti-inflamatórias e cicatrizantes.

Na medicina popular, a aroeira é indicada como medicamento no tratamento contra reumatismo através da infusão das folhas, ao consumir na forma de chá. Já a mastigação das folhas frescas é indicada como cicatrizante e para gengivites.

# Araçá amarelo



Fonte: Acervo PET Geografia (2022)

Nome científico: *Psidium cattleyanum*.

Nomes populares: araçá, araçá amarelo, araçazeiros.

Família botânica: Myrtaceae.

Parte utilizada: fruto.

O araçá faz parte da mesma família da goiaba, uma espécie nativa da Mata Atlântica e endêmica do Brasil. Ocupa regiões geográficas desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, e pode se apresentar na forma de arbusto ou árvore. A ampla distribuição do araçá amarelo confere a essa espécie adaptações ecológicas para sobreviver tanto em áreas de restinga como de florestas. A floração ocorre durante os meses de setembro a janeiro, com coloração branca e odor mais adocicado e, o seu fruto, amadurecido a partir de fevereiro, tem sabor doce e exótico e conta com muitas sementes.

**Formas de uso:** entre as suas formas de consumo estão a ingestão *in natura*, comum entre os adoradores de araçá que o consomem direto do pé ou mesmo em doces, sucos, sorvetes e geleias.



Fonte: Acervo PET Geografia (2022)



# Caúna



Nome científico: *Ilex theezans*.

Nomes populares: carvalho-branco, caúna, caúna-de-folha-grande, caúna-graúda, congonha e miqueira.

Família botânica: Aquifoliaceae.

Fonte: Acervo PET Geografia (2022) Parte utilizada: folhas.

A caúna é uma árvore do mesmo gênero da erva-mate, a *Ilex paraguariensis*. Nativa da Mata Atlântica, possui ocorrência desde o sul da Bahia até o sul do Rio Grande do Sul, sendo mais representativa nos estados do sul do Brasil.

A ampla distribuição desta espécie lhe confere aspectos ecológicos em ambientes diversos como encostas, topos de morros, florestas e restinga. A floração ocorre de setembro a dezembro, durante a primavera e, o fruto, durante o verão, de dezembro a maio. Os frutos, quando maduros, obtêm uma coloração vermelha-escura ou preta e devem ser colhidos diretamente da planta e/ou após a queda espontânea.

**Forma de uso:** o consumo da caúna está associado às suas formas de uso na medicina popular. A infusão das folhas é usada como chás com propriedades estomáquicas e diuréticas. É comum adicionar a caúna na preparação do chimarrão junto à erva-mate.



Fonte: Acervo PET Geografia (2022)

# Carqueja



Fonte: UFSC/hortodidático  
(2020)

Nome científico: *Baccharis aff. trimera*.

Nome popular: carqueja, carqueja-amarga, carqueja-amargosa, carqueja-doce, vassourinha, carquejinha.

Família botânica: Asteraceae.

Parte utilizada: toda a planta.

A carqueja é uma espécie encontrada em áreas de restinga e terrenos baldios ou pastos. Conhecida popularmente como uma planta medicinal, suas flores se apresentam em forma de ramos com cor branca amarelada, sendo uma das partes da planta mais utilizada para consumo com fins medicinais.

**Formas de uso:** a carqueja tem o seu consumo associado ao uso na medicina popular, no tratamento de diversas doenças. Entre comunidades camponesas e tradicionais, seu uso é comum na forma de chá para auxiliar na digestão e é indicada ainda como tônico digestivo, antidiarreico e antirreumático. Também é usada no tratamento de feridas e ulcerações (usa-se a decocção ou infusão para aplicações externas).



Fonte: UFSC/hortodidático (2020)



# Camarinha

Nome científico: *Gaylussacia brasiliensis*.

Nomes populares: camarinha, mirtilo-brasileiro, mirtilo-nacional.

Família botânica: Ericaceae.

Nome Guarani: Camari-nhêmba

Parte utilizada: frutos.



Foto: Mariama Bacci (2022)

A camarinha é uma planta arbustiva que produz frutos comestíveis. Os frutos da camarinha são pequenos e com uma polpa adocicada, de grande potencial e possui benefícios em relação ao seu consumo, como sua ação antioxidante. Apresenta um teor considerável de antocianinas e tanino. Os frutos se assemelham aos mirtilos e possuem princípios ativos medicinais e funcionais.

A distribuição dessa espécie ocorre em diferentes domínios fitogeográficos brasileiros como na Caatinga, no Cerrado, na Mata Atlântica e no Pampa. Em Santa Catarina, essa espécie pode ser encontrada na planície litorânea, na vegetação de restinga, nas serras e nos campos de altitude.

**Formas de uso:** a camarinha possui pouca durabilidade, dificilmente encontra-se a venda em feiras ou mercados. O consumo ocorre de forma *in natura* quando maduras. O sabor adocicado dos frutos permite que deles sejam feito geleias, sucos, caldas, sorvetes ou mesmo a substituição do mirtilo.



Foto: Ana Schuhli (2022)

# Erva Baleeira

---



Foto: Ana Schuhli (2022)

Nome científico: *Varronia curassavica*.

Nomes populares: mijo de grilo, cheiro de tempero, erva baleeira.

Família botânica: Cordiaceae.

Parte utilizada: folhas, frutos.

A erva baleeira é uma espécie arbustiva nativa da Mata Atlântica. No litoral catarinense, é possível visualizá-las em áreas de praia como nos cordões arenosos e na restinga. A planta possui formato arbustivo, com galhos ramificados e folhas de cor verde, levemente aveludadas e com cheiro forte, lembrando tempero de cozinha. Entre as comunidades tradicionais, como as dos pescadores artesanais, a erva baleeira é considerada uma planta medicinal de grande importância devido suas propriedades cicatrizantes.

**Formas de uso:** as folhas, por meio da infusão, podem ser utilizadas como chás. As propriedades incluem ação anti-inflamatória, analgésica, diurética, antiartrítica, tônica e antiulcerogênica. As folhas ainda podem ser usadas como tempero em caldos ou trituradas e usadas como sal.

**Uso popular:** no passado, durante a época da caça à baleia no litoral catarinense, a erva era macerada pelos pescadores e esfregada diretamente no local onde haviam se machucado, devido às suas propriedades anti-inflatórias e cicatrizantes.



# Jerivá



Foto: Mariama Bacci (2022)

Nome científico: *Syagrus romanzoffiana*.  
Nomes populares: jerivá, gerivá, coco-de-catarro, coco-de-babão, coco-de-cachorro, baba-de-boi, coqueiro gerivá, coqueiro.

Família botânica: Arecaceae.

Parte utilizada: frutos, casca, flor, folhas.

O jerivá é uma palmeira de grande porte que pode ser encontrada em dois diferentes biomas, no Cerrado e na Mata Atlântica. Para os povos originários, como os Mbya Guarani, sua importância é sagrada. “Segundo Kereku Yxapyry essa espécie de palmeira estaria ligada aos mitos de criação do mundo, constituindo um dos “pilares” do mundo para os Mbya” (BACCI, 2022, p.100). A floração do jerivá ocorre durante a primavera/verão e os frutos ficam maduros entre o outono/inverno e a primavera, seu fruto é amarelado, com uma polpa comestível e adocicada.

**Formas de uso:** o consumo do fruto do jerivá é feito *in natura*, assim como sua utilização na produção de bebidas como a cachaça. Ademais, a palmeira do jerivá fornece palmito que é muito apreciado em algumas regiões do Brasil, embora possua um gosto ligeiramente amargo.

**Uso popular:** destaca-se o chá da casca e da flor, utilizado no combate ao amarelão (ancilostomose). A casca do jerivá possui também propriedades vermífugas, suas folhas são usadas como ração de gado e, sua madeira, em construções rurais.

# Imbé



Foto: Isadora de Haro (2022)

Nome científico: *Philodendron bipinnatifidum*.

Nomes populares: imbé, cipó-imbé, filodendro, guaimbé, banana-de-macaco, costela-de-adão.

Família botânica: Araceae.

Parte utilizada: inflorescências, folhas.

O imbé é uma espécie arbustiva abundante no território brasileiro e sua ocorrência se dá em áreas de capoeiras, campos brejosos e restingas do litoral. O caule do imbé é lenhoso e suas folhas são de grande porte. Popularmente conhecido como costela de adão, possui valor ornamental e seu fruto é comestível, conhecido por “banana de macaco”.

**Uso popular:** as folhas frescas e amassadas dessa espécie podem ser aplicadas sobre úlceras. As raízes aéreas secas e reduzidas a pó são diuréticas e anti-hidrópicas, com efeito purificante e recomendada, também, contra picada de cobras. Ainda assim, recomenda-se usá-la com cuidado, pois é uma planta tóxica. Se fervida, as folhas frescas e cascas do caule agem como emolientes, usada para banhar os membros atacados de erisipela, bem como inflamações reumáticas e orquites.



Foto: Isadora de Haro (2022)



# Macela

---



Fonte: Acervo PET Geografia (2022)

Nome científico: *Achyrocline satureioides*.

Nomes populares: macela, marcela, marcela-do-campo.

Família botânica: Asteraceae.

Parte utilizada: flores.

A macela é considerada uma espécie de erva perene, ou seja, são espécies de plantas que possuem um período de vida longo. A distribuição da macela, no território brasileiro, ocorre desde o estado da Bahia até o Rio Grande do Sul. É uma espécie encontrada em diferentes ambientes, como áreas de campos, brejos e restingas nas áreas litorâneas. As flores possuem cor amarelada e aroma suave e ficam dispostas na forma de um pequeno buquê.

**Formas de uso:** a macela é muito utilizada para chás por possuir propriedades calmantes, contra diarreias, disenterias e cólicas intestinais, além de agir como anti-inflamatório, analgésico e antiespasmódico.

**Uso popular:** por meio do preparo de um cataplasma medicinal, a macela pode ser utilizada no uso externo contra dores articulares e musculares. Ainda, as macelas são usadas para enchimento de travesseiros, colchões, acolchoados, almofadas e sachês, visando afastar insetos. Na tradição popular, a colheita da macela deve ser feita na Semana Santa, preferivelmente, na sexta-feira.

# Pitangueira



Foto: Isadora de Haro (2022)

Nome científico: *Eugenia uniflora*.

Nomes populares: pitanga, pitanga-vermelha, pitangueira.

Família botânica: Myrtaceae.

Parte utilizada: frutos, folhas, casca e broto.

A pitangueira é uma árvore nativa da Mata Atlântica, da mesma família botânica das goiabeiras e araçazeiros. Pode ser encontrada em diferentes ambientes, desde a restinga até a vegetação de floresta. É uma espécie arbórea de caule lenhoso e folhas verdes. A fruta possui um sabor particular e levemente cítrico, a cor é vermelha e pode variar de acordo com o seu grau de amadurecimento. A floração da pitangueira ocorre de agosto a novembro, enquanto a frutificação se dá entre outubro e fevereiro.

**Formas de uso:** devido ao seu grau de baixa durabilidade e resistência, a pitanga é uma fruta colhida e comida *in natura*, e pode ser utilizada para doces, geleias e sucos.

**Uso popular:** das folhas e galhos jovens da pitangueira é possível extrair um óleo para terapias alternativas, com potencial antimicrobiano, anti-inflamatório, além de servir como repelente. A própria folha, ao ser esmagada, também serve como repelente natural contra insetos.



Foto: Mariama Bacci (2022)



# Trapoeraba

---



Foto: Ana Schuhli (2022)

Nome científico: *Commelina erecta*.  
Nome popular: tracoeraba, trapoeraba, trapoerava, olho-de-santa-luzia, andaca e santa-luzia.  
Família botânica: Commelinaceae.  
Parte utilizada: talos, folhas e flores.

A trapoeraba é uma espécie herbácea de ampla distribuição que pode ser encontrada em diferentes ambientes, como em restingas, brejos e florestas. Possui folhas verdes, macias e alongadas e sua flor apresenta apenas duas pétalas de cor azul, o que facilita o seu reconhecimento. É considerada uma PANC (planta alimentícia não convencional) mas, é importante lembrar que para o seu consumo, aconselha-se o cozimento e/ou comê-las refogadas, pois alguns estudos apontam altas concentrações de fitatos, oxalatos e saponinas. Já as flores, podem ser consumidas *in natura* em saladas ou utilizadas para decorar pratos.

**Formas de uso:** o consumo da trapoeraba está associado à alimentação e aos usos como remédios na medicina popular. Seus benefícios incluem ações anti-inflamatórias e antirreumáticas, assim como chás para a retenção de líquido e eliminação de toxinas do organismo. A espécie auxilia na melhora de cistites e inflamações do aparelho urinário. O consumo da trapoeraba confere à alimentação humana um alimento rico em proteínas, fibras e sais minerais como cálcio, magnésio e zinco.



Foto: Ana Schuhli (2022)

## Referências consultadas

---

BACCI, Mariama Brod. Tecendo relações entre território, soberania alimentar e etnobotânica em terra indígenas mbya guarani no entorno do parque estadual da serra do tabuleiro, SC. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade do Estado Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

BRASIL. Resolução CONAMA N° 303, de 20 de março de 2002. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 13 mai. 2002.

BESEN, Kelly. Autoecologia de *Gaylussacia brasiliensis* (Ericaceae), em restinga da Ilha de Santa Catarina, Sul do Brasil. UFSC, CCA, Programa de Pós-Graduação em Recursos Genéticos Vegetais, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193997>

CADDAH, Mayara Krasinski et al. Sinopse de Myrtaceae Juss. no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, SC, Brasil. *Hoehnea* 48: e202021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hoehnea/a/zz8VZs4YGjHcsYRzHygwRrq/abstract/?lang=pt>

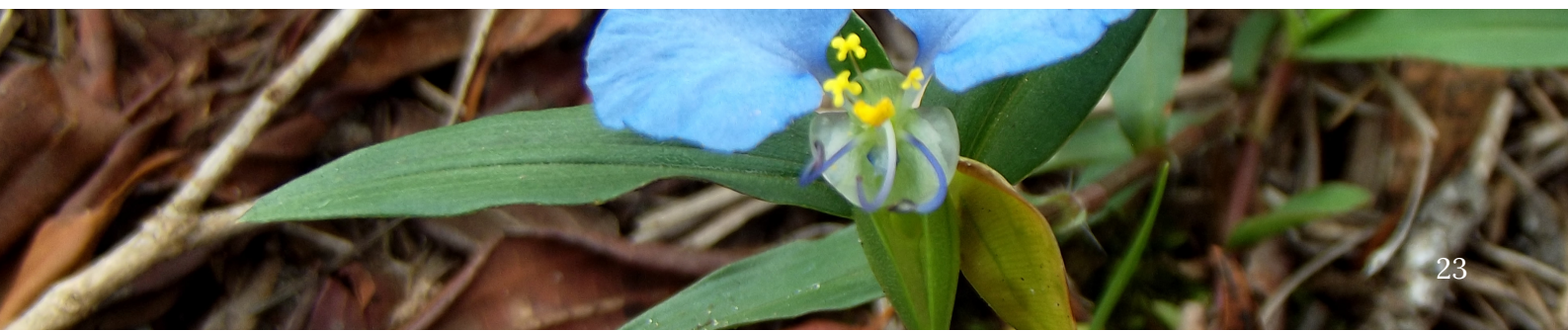
CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. Espécies Arbóreas Brasileiras. Caúna *Ilex theezans*. Embrapa florestas, 2008. Disponível em: <https://www.embrapa.br/florestas/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1140520/cauna-ilex-theezans>

Cadernos do Itaboraí. Introdução ao uso das plantas medicinais em Petrópolis - parte 2. Plantas Mediciniais. Macela - *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC. Palácio Itaboraí - volume 4 - n°1, 1ª edição. 2020. Disponível em: <https://forumitaborai.fiocruz.br/sites/default/files/Guia%20de%20Plantas%20Med%20%20Fo%CC%81rum%20Itaborai.pdf>

CALLEGARI, Cristina Ramos; FILHO, Altamiro Morais M. Plantas Alimentícias Não Convencionais PANCs. Erva-Baleeira. EPAGRI. Florianópolis, 2017

ECKEL, Renato Luis. Mapeamento e caracterização da cobertura vegetal e uso da terra de uma área do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (Baixada do Massambu, município de Palhoça, SC). Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal do Centro de Ciências Biológicas (p.3-5). UFSC, Florianópolis, 2008

ECOCÂMARA. Árvore do mês - Jerivá. Câmara dos deputados. Brasília - DF, 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/ecocamara/o-ecocamara/noticias/arvore-do-mes-2013-geriva>



## Referências consultadas

---

Horto Botânico. *Syagrus romanzoffiana*. Museu Nacional. UFRJ, 2022.

Disponível em:

<https://museunacional.ufrj.br/hortobotanico/Palmeiras/syagrusromanzoffiana.html>

Horto Botânico. *Eugenia Uniflora*. Museu Nacional. UFRJ, 2022. Disponível em: <https://museunacional.ufrj.br/hortobotanico/arvoresearbustos/eugeniauniflora.html>

Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. AROEIRA. UFSC, 2019. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/aroeira/>

Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. CARQUEJA. UFSC, 2019. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/carqueja/>

Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. MACELA. UFSC, 2019. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/marcela/>

NICÁCIO, Ana Clara Stein. Reconhecimento popular e usos alimentícios da fruta vermelha brasileira conhecida como “camarinha” - *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. UFSC, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/2525/ANA%20CLARA%20STEIN%20NICACIO%20-%20TCC%20Gastronomia%202021.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

PROENÇA, Carolyn Elinore Barnes et al. Araças do Gênero *Psidium*: principais espécies, ocorrência, descrição e usos. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2009. Disponível em:

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/697560/1/doc266.pdf>

SOUZA, Cláudio José Costa; VIEIRA, Jefferson Vinicius Bomfim. Aroeira é PANC. Mato no prato, 2020. Disponível em:

<https://matonoprato.com.br/2020/08/18/aroeira/>

VIANNA, Wânia de Oliveira. Estudo Farmacognóstico e Farmacológico de *Philodendron bipinnatifidum* Schott (ARACEAE). Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/9/9138/tde-30072015-172320/publico/Wania\\_Oliveira\\_Vianna\\_Doutorado.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/9/9138/tde-30072015-172320/publico/Wania_Oliveira_Vianna_Doutorado.pdf)









